

*ficos y ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias literaria (1915-1925)*. Incide en la investigación histórica de las relaciones luso-españolas, retrotrayendo la fecha de la aparición de un texto del poeta de 1928 a 1923, en el contexto del Ultraísmo.

*Alexia Dotras Bravo*

#### **A LETRA E AS TINTAS**

**ALBANO MARTINS**

**Vila Nova de Famalicão,**

**Edições Quasi, 2006**

Resultado da compilação de textos publicados em jornais e revistas literárias entre 1980 e 2003, e previamente apresentados em Congressos ou Palestras, entre outros eventos, *A Letra e as Tintas* assume feições e objectivos variados. Em primeiro lugar, num tempo e num espaço culturais onde o nome e a obra de certos autores parece ter caído no esquecimento, ou parece não ter despertado o interesse da crítica e das instituições de ensino, trazem-se à boca de cena breves ensaios – retratos literários e humanos – em cujas páginas se recupera o valor de escritores como José Régio (ou do irmão Júlio Reis, também artística plástico), Alberto de Serpa, Raul de Carvalho, Luísa Dacosta ou Miguel Torga (este, apesar de tudo, menos esquecido depois das comemorações do centenário do seu nascimento).

É assim que, no respeitante aos textos dedicados ao poeta da Presença («João

Bensaúde: heterónimo ou alter-ego de José Régio» e «A 1ª edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*, de José Régio, e a recepção da crítica»), de vários modos – que passam pela hesitação entre assumir João Bensaúde «como uma entidade verdadeiramente autónoma e diferenciada» (p. 10) – se dá a (re) conhecer a «expressão duma personalidade *singular*, que, por sê-lo não pode deixar de ser também *incompreensível* para o ‘geral das gentes’» (p. 18). A admiração e a amizade que Albano Martins dedica a José Régio estendem-se, ainda, pelas páginas dedicadas a esse outro presencista que foi Alberto de Serpa («Para um retrato, a corpo inteiro, de Alberto de Serpa») ou pelas apreciações tecidas no tríptico «Evocação de Júlio/Saul Dias». Se no primeiro ensaio, como sucede em outros, Albano Martins aproveita para criticar os «maratonistas das letras» (p. 47), no segundo sublinham-se (por oposição a José Régio) a «parcimónia vocabular», a leveza e a brevidade do verso (p. 44) ou o «equilíbrio e simplicidade» de que se constrói a produção poética de Saul Dias (p. 39).

Não menos merecedores do respeito e da atenção de Albano Martins são Raul de Carvalho («Outras sombras, outras vozes...», «Raul de Carvalho e a poesia da autenticidade») e Miguel Torga. Do fundador da revista *Árvore* destacam-se as relações profícuas com a estética neo-realista (p. 59), numa linha de militância e de empenho que não deixa de lado laivos do que classi-

fica como «neo-romantismo e classicismo serôdios» (p. 61). Do autor de São Martinho de Anta («O santo e a senha ou o lugar onde do poeta») põem-se em relevo o perfil e a personalidade de um homem e de um poeta cuja produção literária ecoa o som da solidão, da inquietação, por vezes do desespero – talvez porque se tem plena consciência do conhecimento dos limites (p. 56).

O texto intitulado «A propósito da 2ª edição de *Província*, de Luísa Dacosta» é, por seu turno, o espaço de eleição de diversas anotações sobre o modo como a fisionomia, a fulgurância, o ritmo e a cor da palavra utilizada (p. 74) se substanciam em marcas reveladoras de um estilo e de uma personalidade fortes e interessantes.

Em segundo lugar, abrindo os horizontes das estreitas relações entre Portugal e Espanha (ou, extensionalmente, com o Brasil) – países «Unidos pela história, pela geografia e pela língua» (p. 97) –, *A Letra e as Tintas* evoca os nomes dos poetas Rosalía de Castro («Rosalía: uma escrita da sensibilidade») e de Juan Ramón Jiménez («Em torno de dois poemas de Juan Ramón Jiménez»). Quanto à poeta galega, o ensaísta chama particular atenção para a peculiar e omnipresente avassaladora afectividade (e, tal como indica o título do artigo, para a não menos dominante sensibilidade) presente no modo como utiliza a Língua e na forma como, em consequência, matiza o real. No que diz respeito ao poeta de Moguer, salientam-se «um sistema de interro-

gações múltiplas sobre o universo e o homem que o habita», «a busca persistente do ser» (p. 91) ou «um vasto e complexo painel onde a música e a pintura perfeitamente se harmonizam e confundem» (p. 94). Não se esquecem, também, a propósito de Juan Ramón Jiménez, as inegáveis influências dos poetas dos cancioneiros, presentes na «simplicidade e economia de meios» (p. 92), características e influências que são também chamadas à colação a propósito da poesia de Cecília Meireles, em «Língua, poesia e música de Cecília Meireles».

Na mesma linha de entendimento referente às estreitas afinidades entre os dois países vizinhos, e reconhecendo, como Jorge de Sena, em 1955, «ser ‘urgente e de primacial importância reatar um convívio cultural e humano que foi um dos ingredientes mais vivos e profundos da inteligência ibérica (...)’» (p. 97), Albano Martins discorre, ainda, de forma mais englobante, sobre «Os poetas portugueses perante a poesia espanhola contemporânea».

Da leitura dos ensaios que compõem *A Letra e as Tintas* – escritos de forma clara e concisa, ao contrário do que, com frequência, é o estilo de certa crítica literária – ressalta, sem dúvida, como acima sublinhámos, a extraordinária admiração que o autor dedica aos nomes que constituem a sua matéria-prima. Talvez por isso, de quando em quando, a objectividade científica que, apesar de tudo, nos parece dever presidir a este tipo de textos, acabe por res-

valar para tonalidades demasiado familiares e afectivas.

*Ana Paula Arnaut*

**MAIS ALÉM DO DRAMA POÉTICO  
DE FERNANDO PESSOA  
UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA  
DA CRIAÇÃO HETERÓNIMA  
THAÍS CAMPOS MONTEIRO  
Lisboa, IN-CM, 2006**

O DRAMA (DA ALMA) INTELLECTUAL  
Haverá psicólogo preocupado com os distúrbios da personalidade que não gostasse de ter Fernando Pessoa no sofá do seu consultório? Seguramente, Thaís Campos Monteiro, doutorada em Psicologia Social e da Personalidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, dedicada profissionalmente à Psicologia Clínica, teria uma mão cheia de perguntas para dirigir ao autor dos heterónimos, uma ampla lista de questões a colocar-lhe acerca da realidade de um homem que quis ser vários para se conhecer a si próprio ou, talvez, por não ser capaz de o fazer. Um homem (este livro, diga-se desde já, fala mais do Pessoa-homem do que do Pessoa-poeta, se é que é possível separar um do outro) que se move entre a velha máxima da Filosofia (“conhece-te a ti mesmo”) e os recorrentes conselhos dos nossos avós (“livra-te das más companhias”) e que conseguiu sobreviver ao seu tempo para se converter num clássico do século XX.

Por isso, Thaís Campos Monteiro, neste ambicioso livro procedente da sua Tese de Doutoramento – defendida há quase dez anos –, situa-se no campo da Psicologia Analítica para dissecar a vida e a génese da obra de Pessoa, partindo de uma questão que engrena o motor do discurso e que serve de actualização (de “revisitação”) do velho tópico dos clássicos e do cânone literário: “Que eco faz Fernando Pessoa nos leitores de hoje, que tão grande vulto tem vindo a ganhar no cenário da poesia universal?”. Escudando-se em Freud (cuja obra *Mais Além do Prazer*, de 1920, parece ter iluminado o da nossa autora) e na sua identificação do público com a obra de arte – através da qual o artista conduz o espectador à própria libertação de desejos insatisfeitos que ele mesmo experimenta –, Thaís Campos Monteiro constrói um estudo complexo no qual vai, por um lado, destrinchando os aspectos essenciais da vida e obra de Pessoa e dos seus heterónimos para obter dados de diagnóstico, ao mesmo tempo que, por outro, convertendo Pessoa num ícone da modernidade, constrói com frequência vínculos subtis de análise com a experiência do homem (e do *self*) contemporâneo. Um exercício cujo resultado é como que o fazer deitar no sofá não Fernando Pessoa, mas as suas biografias (João Gaspar Simões, principalmente), os seus textos em que reflecte sobre o tema da identidade ou em que os seus estudiosos a ele se referem (pela mão de G. Rudolf Lind, Teresa Rita